

ROTEIRO DE ESTUDOS/ATIVIDADES

UME: PEDRO II

COMPONENTE CURRICULAR: História - 8º ANO A, B e C

UNIDADE TEMÁTICA: Os processos de independência nas Américas.

OBJETOS DE CONHECIMENTO: Rebeliões na América portuguesa: as conjurações: mineira e baiana; Independência dos Estados Unidos da América;

HABILIDADE: EF08HI05B e EF08HI06

PROFESSOR(ES): Carlos Roberto de Messias e Emmanuel.

PERÍODO DE 04 A 18 / 05 /2021

Enviar para o e-mail carlos01793572801@educa.santos.sp.gov.br

História	
Tema: REBELIÕES NA AMÉRICA	
Orientação	<p>I. Estou disponibilizando vários materiais para você estudar em casa: Os textos abaixo, links de textos e videoaulas para você ver e rever de acordo com seu ritmo e sua compreensão. Assim, você poderá, com mais tempo, estudar ainda mais e responder as questões que você encontrará nas atividades.</p>
Textos	<p>O que você sabe sobre Tiradentes? Por que será que ele é tão popular entre nós, brasileiros? Você sabia que Tiradentes e seus companheiros participaram de uma revolta, mas somente ele pagou com a vida? Por que será que isso aconteceu?</p> <p>Durante muito tempo, se disse que ele foi o único a morrer na forca porque era “ um pobretão”; será que o motivo foi esse mesmo ou foi outro?</p>  <p>Link da image: https://bit.ly/3397Kqw</p> <p>1. A Revolta de Beckman (1684)</p> <p>No século XVII, a base da economia do Grão-Pará e Maranhão eram as chamadas drogas do sertão, como cacau, canela, castanha-do-pará, pequi, guaraná, entre outras. Eram os indígenas escravizados que extraíam essas riquezas da floresta para os colonos da região. Além disso, eram eles também que tocavam os engenhos de açúcar do Maranhão. Assim, ao serem informados da proibição de se escravizarem indígenas, os colonos protestaram e exigiram uma atitude do governo português.</p> <p>Pensando em contornar a situação, o governo de Portugal criou a Companhia de Comércio do Maranhão, que se comprometeu a vender africanos escravizados para os colonos. A companhia, no entanto, não cumpriu o prometido: além de não trazer a mão de obra africana para o Maranhão, ela falsificava pesos e medidas, cobrava caro pelos produtos que vendia (bacalhau, sal, farinha de trigo) e pagava barato por aquilo que comprava da região.</p>

Os colonos começaram, então, a planejar uma revolta contra a Companhia de Comércio do Maranhão, os jesuítas e o governador local, acusado pelos colonos de corrupção e de favorecer seus protegidos.

Liderados por um grande senhor de engenho do Maranhão, chamado Manuel Beckman, os colonos invadiram os armazéns da Companhia de Comércio do Maranhão, destituíram o governador e ocuparam o colégio dos jesuítas em São Luís, obrigando dezenas deles a fugirem; o movimento armado recebeu o nome de Revolta de Beckman.

O governo português reagiu prontamente enviando soldados ao Maranhão, que reprimiram os rebeldes e condenaram seu principal líder à morte na forca. Mas, ao mesmo tempo, atendeu às exigências dos colonos: extinguiu a Companhia de Comércio do Maranhão e voltou a permitir a escravização dos indígenas.

2. A Guerra dos Emboabas (1707-1709)

Por volta de 1693, o paulista Antônio Rodrigues Arzão descobriu ouro perto de onde é hoje a cidade mineira de Sabará. Nos anos seguintes, foram descobertas novas minas de ouro, como as de Vila Rica, hoje Ouro Preto. Daí o nome “minas gerais”.

Assim que a notícia se espalhou, milhares de pessoas das mais diversas condições sociais afluíram ao sertão mineiro. Vinham de Portugal, do Rio de Janeiro, da Bahia, de São Paulo e de vários outros pontos do território colonial atraídas pela ideia de enriquecimento fácil. Da África, foram trazidos milhares de indivíduos escravizados para trabalhar na mineração.

Nos primeiros anos de mineração, ocorreram vários conflitos na região das minas. O maior deles teve origem na disputa pelo ouro entre os paulistas, que o descobriram, e os forasteiros (portugueses e pessoas de outras regiões do Brasil), que queriam explorá-lo. Os portugueses foram apelidados pelos paulistas de emboabas.

Os forasteiros, chamados de emboabas e liderados pelo comerciante português Manuel Nunes Viana, foram proibidos de entrar na região e reagiram pegando em armas; o conflito se estendeu por dois anos (1707-1709) e ficou conhecido como Guerra dos Emboabas. Durante os conflitos, os emboabas aclamaram Manuel Nunes governador de todas as Minas.

3. A Guerra dos Mascates (1710-1711)

Na segunda metade do século XVII, o açúcar brasileiro vinha perdendo preço na Europa. E, com isso, os senhores de engenho de Olinda contraíram dívidas com os comerciantes de Recife. Assim, esses comerciantes, chamados na época de “mascates”, foram enriquecendo, enquanto os senhores de engenho de Olinda se endividavam; daí nasceu uma forte rivalidade entre os dois grupos.

Embora fossem ricos, esses comerciantes não tinham poder político, pois Recife era controlada pela Câmara Municipal de Olinda, liderada pelos senhores de engenho locais.

Conscientes de sua força, os comerciantes de Recife pediram ao rei de Portugal que elevasse seu povoado a vila, pois, assim, teriam a sua própria Câmara Municipal. Em 1710, o rei atendeu ao pedido dos comerciantes, muitos deles portugueses, que se apressaram em erguer um pelourinho no centro de Recife.

Inconformados, os proprietários olindenses se armaram, invadiram Recife e destruíram o pelourinho, dando início, assim, à Guerra dos Mascates. O governo português interveio em favor dos comerciantes; mandou soldados reprimirem os olindenses e enviou um novo governador. Recife foi confirmada como vila independente e tornou-se capital de Pernambuco.

4. A Conjuração Mineira (1789)

A partir de 1760, as jazidas de ouro mineiras começaram a se esgotar.

Apesar disso, o governo português continuou cobrando pesados impostos e fazendo proibições, como impedir a instalação de indústrias no Brasil. Essa política opressiva empobrecia os habitantes da Colônia e aumentava o medo e a insegurança em Minas Gerais.

Em 1788, quando um novo governador enviado por Portugal anunciou que haveria uma derrama, ou seja, a cobrança forçada dos impostos atrasados, um clima de revolta tomou conta da população; a capitania de Minas Gerais devia a Portugal mais de cinco toneladas de ouro.

Os colonos diziam que não podiam pagar porque o ouro estava se esgotando. As autoridades portuguesas afirmavam que o problema era que o ouro estava sendo desviado. quase todos da elite de Minas, começou a se reunir em Vila Rica para planejar uma rebelião contra o domínio português. Entre os rebeldes estavam: Tomás Antônio Gonzaga, juiz de Vila Rica; Cláudio Manuel da Costa, advogado e intelectual renomado; Inácio de Alvarenga Peixoto, dono de jazidas e filho de grande fazendeiro e comerciante; padre Oliveira Rolim, chefe político do Arraial do Tijuco, atual Diamantina, agiota e negociante de diamantes; padre Carlos Correia de Toledo, dono de terras minerais e de uma grande fazenda que produzia milho e feijão, dentre os mais ricos da capitania; e Joaquim Silvério dos Reis, contratador. Como se vê, eram em sua maioria homens ricos, alguns deles endividados, que temiam perder tudo no dia em que a derrama fosse aplicada.

Entre eles estava também um homem que tinha sido dentista prático, tropeiro, garimpeiro e que, aos 30 anos, tornara-se militar: o alferes Joaquim José da Silva Xavier, conhecido por todos como Tiradentes.

Os conjurados defendiam a independência de Minas Gerais; a proclamação de uma república com capital em São João del Rei, núcleo agropecuário que mantinha intenso comércio com outras regiões brasileiras; e a criação, em Vila Rica, de uma universidade e de uma Casa da Moeda para controlar a emissão de dinheiro.

A bandeira da república mineira teria a inscrição *Libertas quae sera tamen*, que significa: “Liberdade ainda que tardia”. Parte dos conjurados era movida por ideias iluministas e de mudança; outra parte, no entanto, tinha como único objetivo a suspensão da derrama (cobrança forçada dos impostos em atraso devidos a Portugal). Os conjurados divergiam quanto à escravidão: a maioria deles – senhores de terras, mineradores e grandes comerciantes – era favorável à continuidade da escravidão; apenas Alvarenga Peixoto e o padre Carlos Correia de Toledo se disseram favoráveis à Abolição.

Glossário:

Agiota: pessoa que empresta dinheiro a juros altos.

Alferes: cargo que equivale ao que é hoje segundo-tenente.

5. A Conjuração Baiana (1798)

Outro movimento com objetivo de independência foi a Conjuração Baiana, ocorrida em Salvador, em 1798. Na época, a cidade possuía por volta de 60 mil habitantes, dos quais 40 mil eram afrodescendentes. Muitos deles eram escravizados; outros, libertos ou livres, trabalhavam como soldados, artesãos, carregadores, pescadores, pedreiros e vendedores ambulantes.

Em Salvador, no final do século XVIII, a população e o comércio vinham crescendo e levando prosperidade para os senhores de terra e grandes comerciantes. Para a maioria da população, porém, a situação era crítica, pois os preços, principalmente da carne e da farinha de mandioca, vinham subindo mais do que seus ganhos. Os impostos abusivos também contribuíam para a alta nos preços de outros alimentos e, além disso, a obrigação de importar produtos industrializados, já que o Brasil era proibido de fabricá-los, encarecia esses produtos. O racismo contra os afrodescendentes prejudicava a vida em sociedade.

Essa situação gerava uma insatisfação generalizada entre as camadas pobres e médias da população. Isso explica por que, em 1798, as ruas e ladeiras das cidades alta e baixa de Salvador foram palcos de várias agitações políticas. Entre os insatisfeitos estavam alguns intelectuais, como o médico Cipriano Barata e o padre Agostinho Gomes, que começaram a pregar ideias de liberdade, igualdade e fraternidade, atraindo com isso muitas pessoas pobres (artesãos, soldados, trabalhadores escravizados e libertos). Alguns homens ricos da Bahia também se sentiram atraídos pelo movimento, pela possibilidade de romper com Portugal e estabelecer o livre-comércio com as nações.

Em 12 de agosto de 1798, Salvador amanheceu com dezenas de panfletos afixados em seus prédios públicos, alguns deles com a seguinte mensagem: “O Povo Bahinense e Republicano ordena, manda e quer que para o futuro seja feita a sua digníssima Revolução”. Em seus panfletos, os rebeldes defendiam:

- a) o fim do domínio português na Bahia;
- b) a proclamação de uma república em que todos tivessem igualdade de tratamento;
- c) a abertura do porto de Salvador para o livre comércio;

	<p>d) a diminuição dos impostos e o aumento dos soldos e da oferta de alimentos;</p> <p>e) o fim do preconceito contra os negros.</p> <p>As palavras usadas pelos rebeldes, liberdade e república, atemorizaram as autoridades dos dois lados do Atlântico; elas sabiam que esses ideais tinham inspirado a Revolução Americana (1776), a Revolução Francesa (1789) e as lutas por liberdade em São Domingos (1791). Isso explica por que a reação do governador-geral da Bahia, D. Fernando José de Portugal e Castro, foi imediata: mandou prender dezenas de rebeldes e condenou à morte quatro líderes da rebelião, todos afrodescendentes e pobres.</p>
Atividades	<p>Você não precisa copiar no caderno, basta clicar no link do formulário, responda as questões e envie para o professor.</p> <p>https://forms.gle/F5P1qJKLeEKLWQKn8</p>
Onde encontro o conteúdo	<p>Videoaula - Rebeliões na América Portuguesa Disponível em: https://youtu.be/TUESgezQeg0 Acesso em 02 maio 2021.</p> <p>MAPA MENTAL: Revoltas nativistas Disponível em: https://bit.ly/3gSu285 Acesso: 02 maio 2021</p> <p>Site Brasilecola – Rebeliões nativistas Disponível em: https://bit.ly/3gQSKpk Acesso em 02 maio 2021</p>